

## **A URDIDURA DA TRAMA: O CENTRO GAÚCHO DA TAPEÇARIA CONTEMPORÂNEA**

*THE WEFT'S WARP: THE GAUCHO CENTER OF CONTEMPORARY TAPESTRY*

**Carolina Bouvie Grippa**

Bacharela em História da Arte (UFRGS) e em Moda (Universidade Feevale)  
carolbgrippa@gmail.com

**Profa. Dra. Joana Bosak (orientadora)**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
joanabosak@gmail.com

### **RESUMO**

Este trabalho tem como propósito relatar a história do Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea (CGTC), grupo criado em 1980 na cidade de Porto Alegre, a partir de mulheres que já trabalhavam com a técnica. Contando, ao longo de sua trajetória de 20 anos, mais de 200 associados, o Centro tinha como objetivo legitimar e popularizar a arte têxtil a partir de reuniões com associados, constituição de uma biblioteca com livros e catálogos sobre o assunto, desenvolvendo diversas exposições no Brasil e no exterior e promovendo trocas com outros centros de tapeçaria do país (Centro Brasileiro e Centro Paulista) e do exterior (Uruguai e Argentina). A pesquisa apresenta dados mais relevantes para a constituição e o desenvolvimento da história do Centro, demonstrando a sua organização e as ações realizadas durante seu funcionamento. As informações e os dados foram adquiridos a partir de entrevistas com algumas das associadas e análise de materiais do acervo do CGTC, sendo essa uma parte de uma pesquisa maior, realizada no Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado de História da Arte.

**Palavras-chave:** Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea. Porto Alegre. Nova Tapeçaria. Arte Têxtil.

### **ABSTRACT**

The purpose of this work is to report the history of the Gaucho Center of Contemporary Tapestry (CGTC), a group created in 1980 in the city of Porto Alegre, from women who already worked with the technique. In the course of its 20-year trajectory, more than 200 associates, the Center aimed to legitimize and popularize textile art, starting with meetings with associates, setting up a library with books and catalogs on the subject, developing various exhibitions in Brazil and abroad and there are exchanges with other tapestry centers in the country (Brazilian Center and Paulista Center) and abroad (Uruguay and Argentina). The research presents data more relevant to the constitution and development of the history of the Center, demonstrating its organization and actions taken during its operation. The information and data were acquired from interviews with some of the associates and analysis of materials from the CGTC collection, which is a part of a larger research carried out in the Course Completion Work of the Bachelor of Art History.

**Keywords:** Gaucho Center of Contemporary Tapestry. Porto Alegre. New Tapestry. Textil Art

## **Introdução**

A presença do tear, no Rio Grande do Sul, é mais comum que em outros estados do país, devido ao clima rigoroso no inverno e à grande produção de lã. A partir do tear, que está presente em casas, principalmente do interior, são produzidas roupas, tapetes e afins. Porém, nos meados do século XX, artistas olharam para o tear, criando obras têxteis, em sintonia com o movimento nacional e internacional envolvendo a tapeçaria, tendo nomes como Jacques Douchez e Norberto Nicola, no Brasil, e Jean Lurçat, Jagoda Buic e Sheila Hicks, na Europa e nos Estados Unidos, por exemplo. Devido à movimentação em prol da tapeçaria e a uma inclusão maior de diversos artistas no segmento, foi criado, em 1980, o Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea (CGTC), com o objetivo de reunir artistas e interessados pelos têxteis e estimular o estudo sobre o tecer, por meio de cursos que eram dados por professores convidados, trocas com outros países – principalmente Argentina e Uruguai – e a realização de diversas exposições, mostrando obras das associadas<sup>1</sup> e de outros, cujo trabalho envolvia produção têxtil.

Mesmo com o fim do Centro, em 2000, sua história documental encontra-se na casa de Heloísa Annes, última diretora do CGTC, que manteve organizado todo o acervo, que inclui: atas de reuniões, cartas, recortes de jornais, documentação das exposições, catálogos e livros. Material rico, que unido a entrevistas com algumas das associadas, tornou possível escrever a história do Centro, que foi tema de poucas pesquisas<sup>2</sup>. Dessa maneira, este artigo tem o intuito de contar e esclarecer a trajetória do Centro, pontuando a sua criação, algumas ações desenvolvidas e o seu fim.

### **1. O MOVIMENTO DA TRAMA: O INÍCIO DO CENTRO**

Tendo sua primeira reunião no dia 21 de janeiro de 1980, com a participação de Liciê Hunsche, Heloisa Crocco, Sonia Moeller, Joana de Azevedo Moura, Aly Chaves, Helena Dorfmann, Carla Obino, Eleonora Fabre, Renata Rubim e Inge Spieker, o Centro surgiu como uma associação de interessadas pela tapeçaria e por técnicas têxteis, que foi crescendo ao

---

<sup>1</sup> Ao todo, a partir das inscrições no acervo, o CGTC teve em seus 20 anos de duração, 208 inscritos. Desses, apenas 10 eram homens, e apenas um ocupou uma vaga na diretoria. Assim, devido à maioria de mulheres no Centro e por ser, basicamente, um grupo feminino, foi escolhido manter a conjunção feminina para tratar sobre sócios e membros do CGTC.

<sup>2</sup> A autora pesquisou o Centro em seu Trabalho de Conclusão de Curso, sendo este o primeiro trabalho sobre o tema.

passar do tempo. Basicamente, o CGTC funcionou da seguinte maneira: entrar no grupo, normalmente, era por indicação. Analisados o interesse e a produção da possível nova candidata, esta pagaria uma mensalidade que servia para pagar despesas de ações do CGTC. Havia reuniões, uma vez por mês, momento em que eram discutidas questões e em que todas as participantes eram colocadas a par das informações atuais. Esses encontros ocorriam, geralmente, nas casas ou nos ateliês de associadas, mas, principalmente, na residência da presidente, pois havia uma diretoria, composta por presidente, vice-presidente, secretária, tesoureira e conselho fiscal, que mudava de dois em dois anos.

A criação de um grupo organizado, devido ao interesse pela produção artística têxtil, não foi exclusiva do Rio Grande do Sul, pois o CGTC surgiu por uma necessidade do já existente Centro Brasileiro da Tapeçaria Contemporânea (CBTC), de 1976, que tinha o desejo de promover centros regionais que “pudessem efetivamente congregiar os artistas e artesãos tapeceiros” (SCARINCI, 1981, p. 5). A partir da atuação de Liciê Hunsche e Zoravia Bettiol no CBTC, artistas locais souberam da necessidade deste de criação de centros regionais e, assim, uniram-se e organizaram-se para a abertura do CGTC.



Figura 1 – Inauguração da exposição *Coletânea Têxtil*, 2000<sup>3</sup>  
Fonte: Acervo de Sonia Moeller

<sup>3</sup> A fotografia foi tirada na última exposição do CGTC; nela aparecem as fundadoras, da esquerda para direita: Helena Dorfman, Joana Moura, Ali Chaves; ao centro, as associadas Marília Herter, Heloísa Annes e Erica Turk; em seguida, Heloísa Crocco, Carla Obino, Sonia Moeller, Eleonora Fabre, Renata Rubin e Liciê Hunsche (CGTC..., 2000).

E foram aquelas dez mulheres presentes à primeira reunião que se uniram para iniciar e desenvolver a ideia do Centro. Logo em seguida, outras se juntaram à lista inicial: Heloisa Sellins, Ali Chaves, Zoravia Bettiol, Fanny Meimes e Arlinda Volpata. Nas primeiras reuniões, poucas pessoas participaram, mas, logo em seguida, por volta de maio, saíram notas em jornais de Porto Alegre chamando interessados a participar do novo núcleo de tapeçaria:

Em fase de organização, um núcleo regional de tapeçaria, com objetivo de congregar todos tapeceiros do Sul, promover exposições coletivas, etc. No próximo dia 30, no atelier de Sonia Moeller e Joana Moura, Rua Padre Chagas, 65, às 20h30min, estará acontecendo uma reunião aberta aos interessados, com objetivo de discutir as coordenadas do Núcleo (EM FASE..., 1980, p. 33).

Isto se tornou uma prática no início do Centro: divulgar informações das reuniões, como local, dia e horário, a fim de agregar mais associados, independentemente de sua técnica, como explicou Inge Spieker na reportagem publicada no jornal Folha da Tarde (EM FASE..., 1980). Na nota aqui descrita, houve chamamento para a reunião do dia 30 de maio, o que deu resultados positivos, pois o número de assinaturas no caderno de presença duplicou, tendo trinta assinaturas.

Outra maneira de divulgação das reuniões e informações do Centro era a partir do próprio boletim, cuja tiragem se iniciou em 1984, estendendo-se até o ano 2000. Sobre o material, Heloísa Annes, comentou que o dono da editora onde o folhetim era impresso era cunhado de Elza Brum Catharino, associada e secretária do CGCT por diversos anos.

Então, ele fazia para nós. E, inclusive, fazia graciosamente, que ele sabia das nossas dificuldades. [...] Mas então, ele [o boletim] começou “pequeninho”. Dez boletins foram assim, mas eles forneciam as notícias, chamadas para reuniões, o que ia acontecer, as exposições que havia. Tudo estava no boletim. A história dele [CGTC] está mais ou menos no boletim (ANNES, 2017a, informação verbal).

O boletim, como Heloísa Annes disse, começou “pequeninho”, sendo os primeiros nove números dessa maneira. Eles medem 21,7 x 16,5 cm, todos datilografados, em preto e branco. Em seguida, no ano de 1985, ele cresceu (28,5 x 21,2), mas continuou com impressões em preto e branco. O único colorido foi o último, em comemoração aos vinte anos do Centro. Como Heloísa comentou, os boletins contam a história do Centro, mostrando as atividades realizadas pelas associadas, seus interesses, dificuldades etc. e também serviam de material de “escambo” entre outros centros (São Paulo, Uruguai e Argentina), pois há correspondências que tratam justamente desses envios.



CBTC para nortear o estatuto do Centro Gaúcho, desenvolvimento de uma biblioteca itinerante com material referente à arte têxtil (que era escasso na época), definição de uma mensalidade a ser paga pelas associadas, obtenção de um espaço próprio com secretária e reunião de material sobre as participantes.

Importante também a escolha da primeira diretoria, que ocorreu na 11ª reunião, em 25 de agosto de 1980. “Zoravia sugeriu vários nomes para liderar o Centro que foram então aceitos por unanimidade. São os seguintes: Liciê Hunsche (diretora), Heloísa Crocco (Vice-diretora), Eleonora Fabre (Tesoureira) e Joana de Azevedo Moura (Secretária)” (CGTC, 1980). Esse grupo ficaria à frente do CGTC por dois anos e depois, feitos os estatutos, a cada ano entraria uma nova diretoria.

Outro ponto de extrema importância, que gerou discussões por um período inicial das reuniões, foi a criação do estatuto. Em 1981, houve leitura e debate sobre os regimentos do CGTC, sendo “analisados item após item e foram feitas observações e modificações que o grupo achou necessário, sempre com o objetivo de caracterizar melhor a natureza do Centro” (CGTC, 1981a). Em 1982, em outra reunião, foi avisado que os estatutos estavam sob os cuidados do advogado Paulo Weinberg (que cuidou dos estatutos da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa).

Essa questão foi realmente finalizada, por volta de 1983, quando saiu no Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, demarcando que o CGCT estava registrado no foro, com o CGC de número 89455133/001-66 (O QUE É..., 1984). Incluídos no regulamento do CGTC estão os objetivos do Centro, que são os seguintes:

- A – Promover e incrementar a arte da tapeçaria, em todas as suas técnicas criativas, para conhecimento da comunidade em geral.
- B- Reunir, intercambiar, expor, submeter e entrelaçar relações entre os artistas tapeceiros do país e do exterior.
- C – Promover reuniões de artistas tapeceiros, participantes e atuantes, brasileiros e estrangeiros, que tenham interesse no desenvolvimento da tapeçaria artística.
- D – Promover programas de orientação e assistência a estudantes de artes plásticas que demonstrem interesse específico pela arte da tapeçaria.
- E – Promover programas e realizações de caráter artístico de tapeçaria, em sua conotação contemporânea.
- F – Divulgar informações sobre oportunidades profissionais de interesse direto da tapeçaria artística à comunidade em geral e aos associados.
- G – Promover cursos, mostras, exposições, nacionais e internacionais, conferências e palestras sobre a tapeçaria contemporânea.
- H – Manter biblioteca especializada de interesse específico da tapeçaria contemporânea.

I – Realizar outras atividades condizentes com os objetivos atribuíveis à Associação (CGTC, 1983b, p. 2-3).

Os objetivos eram ambiciosos, mas, em sua maioria, foram realizados nesses vinte anos de duração do Centro e postos em prática desde seu início. Lendo cartas, atas de reuniões, ofícios e correspondências trocadas com diversas instituições e artistas da área, é perceptível o envolvimento e a organização do grupo para atingir tais objetivos e melhorar a visão das pessoas frente à tapeçaria contemporânea. Essa meta abrangia as próprias integrantes, porque nas reuniões, muitas vezes, havia falas e palestras de artistas sobre algum assunto relevante, tendo um desejo em “instrumentalizar” e “atualizar” as participantes.

Devido a isso, diversos artistas palestraram nos encontros do CGTC: Carla Obino falou sobre tapeceiros poloneses; Yeddo Titze (1935–2016) sobre tapeçaria; Eleonora Fabre discursou sobre tapeçaria persa; Vera Beatriz Zattera, professora da Universidade de Caxias do Sul, fez uma conferência sobre *A tecelagem da colonização italiana* e falou sobre o livro (*Arte têxtil no Rio Grande do Sul*, de 1986) que pretendia editar sobre tapeçaria; Henrique Schucman visitou duas vezes o CGTC; Luiz Fernando Barth (1941–2017), que naquele momento era professor no Instituto de Artes da UFRGS, realizou palestra sobre *Profissionalismo nas Artes Plásticas*; Rita Cáurio veio a Porto Alegre para conversar sobre a XI Bienal de Lausanne; Renata Rubim palestrou sobre Desenho Têxtil; Vivian Silva, tapeceira do Rio de Janeiro, fez uma fala em 1987 para comentar sobre seu trabalho, experiências e curso de atualização nos Estados Unidos. Enfim, temas diversos eram selecionados para ser comentados nas reuniões, mas todos com o objetivo de atualizar e passar informações úteis às associadas, podendo ser falas mais teóricas ou práticas<sup>4</sup>.

Havendo poucos livros sobre tapeçaria e uma maior dificuldade em adquirir informações sobre exposições e artistas, sempre existiu uma troca intensa de material entre as próprias associadas. Quando alguma chegava a visitar uma exposição de arte têxtil, tinha a preocupação de trazer o catálogo, e “era uma festa” ver os artistas e obras, como disse Sonia Moeller (2017a, informação verbal). Outra maneira de atualização era a partir de revistas da área, sendo duas assinadas pelo Centro: *Textilform*, revista alemã e a *Fiberart*, de origem americana. Além das publicações, as próprias vivências e conhecimento das associadas e de convidados eram sempre bem-vindos e discutidos nos encontros.

---

<sup>4</sup> Informações retiradas de atas de reuniões do CGTC.

O próprio Boletim do Centro tinha espaço destinado, em algumas edições, para textos sobre tapeçaria<sup>5</sup>. No Boletim nº 2 (BOLETIM CGTC, 1984a), foi publicado um esquema de *Classificação das técnicas de tapeçaria*, criado por Ernesto Aroztegui; no Boletim nº 3 (BOLETIM CGTC, 1984b) há a transcrição de conferência proferida pela artista Madalena Abakanowicz; nº 4 (BOLETIM CGTC, 1984c) um texto de Fayga Ostrower (1920 – 2001) com o título *Para que criar?*. No Boletim de nº 11 foi divulgado o texto de Maria Amélia Bulhões escrito para o catálogo da III Mostra do CGTC; já no Boletim nº 13 (julho/dezembro de 1986) foi publicado o texto de Heloísa Crocco sobre o Evento Têxtil 85, nomeado *Atividade Têxtil: arte ou artesanato?*.

Viagens culturais também eram incentivadas e organizadas por algumas das associadas: sempre houve “ofertas” para visitar as Bienais de Lausanne, tendo a primeira ocorrido em 1981, para visitar a 10ª edição desse evento e também Linz, pois no mesmo ano ocorria o evento *TextilKunst* nessa cidade. De retorno ao Brasil, as “viajantes”, Liciê Hunsche, Sonia Moeller e Annemarie mostraram *slides*, fotografias das exposições visitadas na Europa, além de discutir sobre os eventos, artistas e obras vistas (CGTC, 1981b, 1981c). Também havia viagens mais próximas, para visitar as Bienais de São Paulo e Montevideu, devido a encontros têxteis na cidade uruguaia.

Outra importante “ajuda teórica” veio a partir dos textos que Mônica Zielinsky escreveu sobre o tema. Interessante que Mônica foi solicitada pelo próprio CGTC para escrever os textos<sup>6</sup>, pois havia poucas referências sobre o assunto. Ela desenvolveu três textos, que estavam à disposição das associadas interessadas: o primeiro sobre a trajetória do CGTC, intitulado *Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea: surgimento, realizações e perspectivas*; outro intitulado *Arte da tapeçaria se ensina?*, no qual, a partir de relatos das professoras associadas, ela discute a relação de ensino e tapeçaria; o terceiro é *Mini-Têxteis: redução das obras ou a aurora de novos rumos para a arte da tapeçaria?*, em que Mônica discute os minitêxteis e sua razão de estarem em voga naquele momento.

Além dos textos, Mônica se envolveu de outras maneiras com a tapeçaria, participando do júri da III Mostra do CGTC, escreveu textos para catálogos de associadas e teve dois textos seus divulgados no Boletim Informativo do MARGs: *Evento Têxtil/85:*

---

<sup>5</sup> No Boletim nº3 (1984, p. 1), lê-se: “Para elaborar seu Plano de Ação para o período de 84/85 a Diretoria do CGTC consultou seus associados para levantar necessidades, interesses e expectativas em relação a atuação da entidade nesse período. Uma das reivindicações feitas foi a de divulgar textos sobre tapeçaria [...]”.

<sup>6</sup> Há no acervo do CGTC um atestado, de 12 de novembro de 1982, para Mônica Zielinsky, documentando que ela “elaborou para o Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea” os trabalhos citados.

*espaço para reflexão*, em 1985, e *Artêxtil no Brasil: uma publicação em debate*. Sua contribuição teórica para melhor entendimento de conceitos da área do têxtil e críticas sobre a produção feita foi importante e valorizada, pela escassez de referências sobre o tema e pela qualidade de seus escritos.

Todas as ações aqui relatadas denotam uma necessidade de debate sobre a produção em que o Centro estava envolvido, além de uma reflexão sobre a própria atividade que associadas realizavam, já que essa produção sofria preconceitos vindos da área artística. Havia uma necessidade de “intelectualização” desse fazer, almejando um desenvolvimento coerente do grupo, possibilitando, a partir da associação, conhecimento sobre diversos temas, principalmente artes, e dando um suporte teórico mais vasto às mulheres que representavam o Centro.

O grupo também ampliou seus contatos trocando informações com mais quatro centros de tapeçaria: Centro Paulista de Tapeçaria (CPT), Centro Brasileiro da Tapeçaria Contemporânea (CBTC), Centro de Tapeçaria Uruguaio (CTU) e Centro Argentino de Arte del Tapis (CAAT). O CGTC manteve ligação permanente (enquanto esses espaços duraram) com esses grupos, sempre havendo troca de informações sobre exposições, palestras, eventos que interessassem à área, além de serem realizados projetos e exposições em conjunto. Assim, o CGTC possuía mais um veículo de informações, tanto do Brasil como do exterior.

Outra estratégia de “existência” do Centro para modificar o papel ocupado pela arte têxtil no sistema da arte foi a luta pela inclusão da tapeçaria em eventos e premiações de arte, além de participantes do Centro participarem, quando possível, de conselhos de instituições artísticas de Porto Alegre. Claramente, o CGTC buscava o seu espaço e o devido “rótulo” de arte e, para tal, buscou apoio de algumas instituições e inserção da tapeçaria em editais e premiações. Conforme discute Maria Amélia Bulhões,

[...] para o funcionamento do sistema da arte é necessário que seus integrantes obtenham da sociedade o poder de rotular como arte determinadas produções e como artistas determinadas pessoas. Um processo complexo em que a aceitação dos pares é fundamental (BULHÕES, 2014, p. 21).

A “aceitação dos pares” para o Centro começou em 1983, devido a pedidos da diretoria para que a categoria tapeçaria fosse mencionada no regimento do VI Salão Nacional de Artes Plásticas – FUNARTE (Rio de Janeiro). Isso foi conquistado, sendo um importante momento para a valorização da tapeçaria no país, como é perceptível na carta escrita por

Liana Timm, presidente na época da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa:

A CHICO recebe com muita satisfação a notícia da inclusão da Tapeçaria no Salão Nacional da FUNARTE. Este foi um exemplo representativo de luta coletiva que o nosso centro de tapeçaria mostrou. Não só será importante uma nota sobre o assunto como também uma matéria mais extensa em nosso boletim (TIMM, 1983, p. 1).

Não parando por aí, as associadas continuaram atrás de seus direitos e enviaram cartas ao diretor do jornal *Zero Hora*, Mauricio Sirotsky Sobrinho, para inclusão da categoria tapeçaria no *Salão Jovem Artista*, pois as inscrições estavam abertas e elas não podiam se candidatar. Essa primeira carta foi enviada em 1983, mas não foi respondida. No seguinte ano, outra carta foi enviada:

No ano passado, nossa então presidente Ronete Langer Magrisso manteve contato com Vossa Senhoria no sentido de que a tapeçaria fosse incluída entre as categorias participantes do Salão do Jovem Artista. Ao assumirmos a presidência do CGTC queremos ratificar a solicitação feita pois consideramos o referido Salão uma grande oportunidade para os artistas gaúchos (DENTI, 1984, p. 1).

Essa “luta” com a RBS teve consequências boas para a tapeçaria, como foi anunciado no Boletim nº 2 de 1984. A categoria estava entre as participantes do Salão do Jovem Artista, havendo duas classificadas: Clayton Bassane e Sonia Ortiz Dipp, tendo essa última ganho o prêmio máximo para sua tapeçaria intitulada *Rio Vermelho*.

Com a consolidação do Centro e de suas atitudes em prol da tapeçaria e da arte riograndense, as associadas começaram a ganhar espaço em instituições da cidade, sendo convidadas para serem representantes do CGTC em conselhos consultivos, como na Associação Riograndense de Artes Francisco Lisboa (Chico Lisboa), em torno de 1982. A presidente da Associação, na época, era Zoravia Bettiol. E, em 1983, o MARGS pediu para serem indicadas duas representantes da entidade para compor seu conselho consultivo. As nomeações foram sendo renovadas até 1987, época em que o próprio museu extinguiu os conselhos atuantes na instituição (MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI, 1987).

Além das reuniões e dos materiais trocados com outros centros e artistas, criando vínculos e contatos para um fortalecimento do CGTC, outro ponto importante a ser mencionado é a organização de exposições das associadas no Brasil e no exterior. O cronograma do Centro envolvia, constantemente, a produção de exposições, sendo essa uma maneira de o público em geral conhecer suas associadas e suas produções.

## 2 TAPEÇARIA NO MUSEU: EXPOSIÇÕES DO CGTC

Uma atividade constante durante os anos de existência do Centro foi o planejamento de exposições com obras de associadas e do público em geral. Nesses vinte anos, foram cerca de 50 exposições, em mais de 40 cidades do Brasil e do exterior: Montevideo (Uruguai), Buenos Aires (Argentina), Indianópolis (Estados Unidos), Heidelberg (Alemanha), Copenhagen (Dinamarca) e Durban (África do Sul). A diretoria não negava um convite para expor os trabalhos das associadas, tornando a lista de mostras bem diversa no quesito tema das exposições e espaços ocupados. Havendo possibilidade de mais pessoas conhecerem suas obras e verem as diferentes técnicas da arte têxtil, a diretoria do CGTC aceitava as solicitações, independentemente do lugar. Isso ficou claro, com a Mostra Itinerante de Tapeçaria pelo interior do Rio Grande do Sul, coordenada pela Subsecretaria de Cultura e Delegacias de Educação do Estado, quando tapeçarias de 25 associadas (o número variava de acordo com a cidade) foram expostas em 30 cidades. Cada local oferecia a sala disponível, podendo ser saguão das prefeituras, salas de reuniões da Câmara de Vereadores, bibliotecas públicas, clubes sociais e salões paroquiais de igrejas das cidades<sup>7</sup>.

Os temas das exposições em que as associadas expunham seus trabalhos eram bem diversos, pois em alguns casos suas tapeçarias eram ligadas ao artesanato, como ocorreu na II EXPOARGS (Exposição de Artesanato do Rio Grande do Sul), que aconteceu na 8<sup>o</sup> EXPOINTER (Esteio, RS). Também podiam ser valorizadas questões decorativas nos trabalhos, como na mostra que ocorreu na Loja Sombra Móveis (Rio de Janeiro, RJ), espaço dedicado a venda e compra de objetos para casa e decoração. Além disso, as tapeçarias ocupavam museus de arte, recebendo, dessa maneira, um olhar artístico. Foi em museus que a grande maioria das exposições do CGTC aconteceu, destacando-se o Museu de Arte do Rio Grande Ado Malagoli (MARGS) e o Centro Municipal de Cultura, ambos em Porto Alegre.

O MARGS foi um parceiro do CGTC, disponibilizando suas salas para mostras do Centro, começando com a *Exposição Nacional de Arte Têxtil 85*, uma importante ação, que incluiu exposições sobre o têxtil nas suas diversas manifestações, atividades especiais para crianças, adolescentes e adultos, abarcando diferentes técnicas têxteis, além de um encontro de vários artistas na cidade para discutir sobre os rumos da arte têxtil brasileira (CGTC,

---

<sup>7</sup> Essas mostras possuíam um claro objetivo educativo e de inclusão, havendo uma aproximação das obras com o público não frequentador de museus.

1985b). Havia dois momentos na exposição no MARGS. O primeiro, onde obras foram submetidas a uma seleção por um júri, sendo essa aberta para inscrições públicas, tendo ao total 79 concorrentes<sup>8</sup>; apenas 23 foram aceitas (EVENTO..., 1985).

Foram aceitos os seguintes inscritos: Ana Goldberger (SP), Ana Norogrande (RS), AniFrey (RS), Atelier Novo Hamburgo (RS), Carmen Lucia Denti (RS), Caru (SP), Cho & Sérgio (SP), Delba Marcolini (SP), Eleonora Fabre (RS), Erica Weber Turk (RS), Góes (ES), Henrique Schucman (SP), Liane Moya (RS), Luiz Adolpho (RJ), Manoel (SP), Rachela Gleiser (RS), Renata Rubim (RS), Rojane Lamego (RS), Sônia Dip (RS), Trama Atelier de Arte (RS), Vera Barros (SP), Vera Stedile Zattera (RS), Vivian Silva (RJ)<sup>9</sup> (CGTC, 1985b).



Figura 3 – Fotografia da exposição Evento Têxtil, MARGS, 1985  
Fonte: Zero Hora (1985, p. 1)

A outra parte da exposição era composta por artistas convidados pela Comissão Organizadora, que “utilizou como critério a participação de pelos menos duas Trienais de Tapeçaria” (CGTC, 1985b, p. 21). Os artistas convidados eram os seguintes: Gilda Azeredo de Azevedo (homenageada, RJ), Alice Carracedo (SP), Arlinda Volpato (RS), Berenice

<sup>8</sup> Em uma nota no Segundo Caderno do jornal Zero Hora, do dia 5 de março de 1985, estava escrito que eram 150 inscritos.

<sup>9</sup> Por estados, treze eram do Rio Grande do Sul, sete de São Paulo, dois do Rio de Janeiro e um apenas do Espírito Santo. Percebe-se que os dois estados com mais participantes eram os que possuíam um centro de tapeçaria próprio.

Gorini (SC), Bia Vasconcellos (RJ), Carla Obino (RS), Cerzo (PR), Eva Soban (SP), Fanny Meimes (RS), Fernando Manoel (MG), Guy (SP), Heloisa Crocco (RS), Iracy Nitsche (SP), Ivandira (RS), Jacques Douchez (SP), Janete Fernandes de Siqueira (PR), Jean Gillon (SP), Joana de Azevedo Moura (RS), Juan Ojea (SP), Liciê Hunsche (RS), Luiz Carlos Albertini (SP), Maria Kikoler (RJ), Maria da Penha Aparecida Moreira Paes (MG), Maria Tereza Lemos de Arruda Camargo (SP), Marlene Trindade (MG), Michel Barbault (PE), Myrthes Mello Machado (RJ), Parodi (RJ), Salomé (RS), Sonia Moeller (RS), Sonia Paul (SP), Suzana Lima (SP), Theoto (SP), Xtiano (PE) e Zoravia Bettiol (RS), contabilizando 34 artistas. Com essas escolhas:

[...] o júri optou tanto quanto foi possível, por mostrar as tendências mais diversas da tapeçaria contemporânea, uma vez em que nosso entender, está buscando seu próprio espaço, empurrando para longe de si os limites da pintura e da escultura. [...] Tudo isso, pareceu ao júri, implicar em intenção de ampliar os limites restritos da tapeçaria e também de sua linguagem plástica, colocando-a na situação contemporânea das demais técnicas, como a pintura, gravura, escultura, desenho, etc. (CGTC, 1985b, p. 21).

A *Mostra Didática* expôs ao público diversas técnicas relacionadas a tradições do estado, como Sonia Moeller lembrou ao ser questionada sobre o evento (MOELLER, 2017b, informação verbal). Foram expostos objetos vindos de Nova Petrópolis, ligada à tradição alemã, como o *Wandschoner*, panos de paredes que eram bordados com escritos e cestaria realizado com palha de milho. Também houve mostruário do têxtil produzido por descendentes de italiano, principalmente sobre a produção e a feitura do linho e também o trabalho de tramas, nós e ornamentos do gaúcho (MOELLER, 2017b, informação verbal).

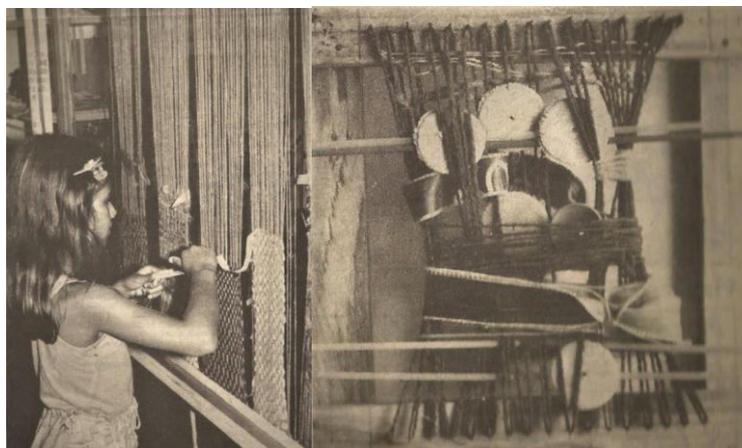


Figura 4 – Fotografia de menina tramando e minitêxtil realizado por um aluno nas oficinas

Fonte: PLESCHT (1985, p. 12)

Todo esse material foi exposto de maneira didática, com painéis fotográficos mostrando as técnicas e com a exibição de diversos tipos de fios, como lã, fios animais, fios vegetais e tecidos sintéticos (BARBOSA, 1985); e também, para um melhor entendimento do público, havia pessoas produzindo e realizando diversas técnicas na própria exposição, para assim, o público ver ao vivo a produção de rendas e fios. Heloísa Annes falou que sua própria irmã ficou no evento, fazendo *frivolité*<sup>10</sup>, e havia teares no saguão do Centro Municipal para as pessoas poderem mexer e aprender a tapeçaria (ANNES, 2017b, informação verbal).

Além, de todas essas mostras e atividades já comentadas, houve exposição no Theatro São Pedro de estandartes do Carnaval de Pernambuco, Coletiva de Tapeçarias na agência Unibanco, exposição *Tecido Metálicos – Os amantes* na Galeria Tina Presser, do artista Luiz Antonio Rocha, na Galeria Singular houve uma exposição de *Acessórios Têxteis*, e ainda exposições da produção de artistas têxteis, muitas ligadas ao centro, em seus próprios ateliês<sup>11</sup> (CGTC, 1985a). E houve projeção de documentários sobre o tema, como: *O Gaúcho artesão, lã e couro, Tiras e Meadas, O Mundo transfigurado de Zoravia Bettiol e Artesanato têxtil na região colonial italiana do Rio Grande do Sul*. Outra parte muito importante foi o *Encontro dos artistas têxteis*, motivando a produção intelectual na área têxtil, pois oportunizou debates, troca de informações a partir de palestras e falas de artistas e teóricos, tanto do Brasil quanto de Uruguai e Argentina (CGTC, 1985a).



Figura 5 – Panorama do *Evento Têxtil*, MARGS, 1989.  
Fonte: Acervo de Sonia Moeller.

<sup>10</sup> Criada no século XVIII é um tipo de renda, feita a partir de nós ou arcos (EARNSHAW, 1984).

<sup>11</sup> Atelier de Vasco Prado/Zoravia Bettiol, Ateliê de Liciê Hunsche, Trama Atelier de Arte, Atelier 65 Arte e Atelier Telma Cadermatori.

A experiência do evento foi tão válida, que houve uma segunda edição em 1989, seguindo o molde da anterior, porém com uma participação mais ativa de artistas do Uruguai e da Argentina. A exposição ocorreu, novamente, no MARGS, durante o período de 30 de agosto a 30 de setembro de 1989, e o centro de cada país participante ficou responsável pela seleção das obras a serem expostas no museu.

No MARGS, também ocorreu a exposição *Encuentro Latino Americano de MiniTextiles*, que teve duas edições, a primeira em 1988 e a segunda, em 1991, com participação de artistas da Argentina, do Brasil, do Chile, da Colômbia, de Cuba, México e Uruguai. Nessa exposição, o foco da produção, eram os minitêxteis, que entraram em voga, justamente, em uma época em que, nos eventos têxteis, eram mostradas, em sua maioria, obras gigantescas. Assim, o minitêxtil, que possuía o tamanho entre 8 e 20 cm, ia contra essa tendência e provocava o artista a trabalhar e experimentar em um tamanho bem menor que o usual.



Figura 6 – Fotografia da exposição *Uma visão sobre a arte têxtil brasileira hoje*, 1995.  
Fonte: Acervo de Sonia Moeller.

Outra exposição que ocorreu no MARGS foi a comemorativa aos 10 anos do CGTC, em 1990, organizada pelo próprio museu, em uma homenagem ao Centro e a suas associadas. *Fórum Têxtil* (1993) teve como homenageada a artista Erica Turk, e *Uma visão sobre a arte têxtil brasileira* (1995–1996) ocorreu também no Museu Rundetaarn (Copenhague, Dinamarca), tendo a presença de artistas do Brasil. Essa exposição, ocorreu devido ao

encontro do paulista Carlos Augusto de Camargo e com a artista Vera Barros, que residia em Copenhague. Ela apresentou *slides* sobre a produção têxtil realizada no Brasil, em uma palestra, e obteve o interesse do museu em realizar a mostra. Assim, a organização começou em São Paulo, mas logo em seguida o CGTC foi recrutado, chamando as artistas sulinas para participar (UMA VISÃO..., 1995-1996).

Os artistas dinamarqueses Dorthé Sigsgaard, Malone Dietrich e Gina Nielsen participaram do júri, juntamente com Norberto Nicola e Ana Mae Barbosa. Foram selecionados 31 artistas, sendo 11 do Rio Grande do Sul. A exposição, além de exibida no Museu Rundertarn, em Copenhague, também foi para Museu Nacional do Traje, em Lisboa (Portugal), para o Museu de Arte de Santa Catarina, em Florianópolis, e para o MARGS. A exposição possuiu sua relevância, devido a diversos aspectos:

[...] a qualidade conferida pela maestria técnica e valor poético dos trabalhos; o seu caráter heterogêneo, porém abrangente, contemplando muitas modalidades têxteis que vão desde as mais tradicionais com o “gobelin” até as mais recentes como os “wearables”, e sua importância histórica (RUTHSCHLLING, 1996, p. 54).

Qualidade e diversidade nos trabalhos têxteis não foram vistos apenas em Copenhague; sempre mostrar ao público a pluralidade do têxtil era um desejo contínuo nas mostras do CGTC. Por isso, desde o primeiro ano da criação do CGTC, houve exposições próprias do Centro, onde apenas as associadas participavam, resultando em um panorama da produção do CGCT. Intituladas de Mostra do Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea, essa obteve quatro edições: 1981, 1983, 1985 e 1987. Havia sempre um júri para seleção das obras, e as inscrições eram disponibilizadas para as associadas. Mônica Zielinsky, no texto *Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea: Surgimento, Realizações e Perspectivas* [1982a], cita positivamente também a realização da exposição e o quanto ela foi importante para o reconhecimento das tapeceiras:

Essa atividade foi altamente significativa para o grupo, pois gerou as primeiras experiências de um trabalho de mostra coletiva de arte têxtil no Rio Grande do Sul. Serviu igualmente para afirmar o grupo, torná-lo conhecido de seus próprios componentes e na comunidade, em atividades e objetivos comuns da classe, enfrentando sucessos e fracassos, qualidades e deficiências, assim como todo o tipo de novas responsabilidades. (ZIELINSKY, [1982a], p. 2).

É importante que essas mostras nos dão um panorama geral da produção realizada pelas associadas, sendo possível notar suas influências, inovações e tipo de trabalhos

produzidos. A principal mudança notada pela autora, foi que na inscrição da terceira edição, havia três categorias: tecelagem, desenho têxtil e proposta. Em nenhuma outra edição isso ocorreu, o que mostra uma maior liberdade e aceitação de trabalhos em diversos suportes, além da tradicional tapeçaria. Como explanou o júri: “a separação das obras inscritas por categorias não significa, em momento algum, um divisionismo na tapeçaria e, sim, uma necessidade de permitir a abertura de espaços às novas manifestações têxteis” (CGTC, 1987, p. 3).

Sobre as mostras do CGTC, importante comentar que a segunda edição foi exposta também no TextilMuseum Max Berk, na cidade de Heidelberg (Alemanha), um ano depois de acontecer em Porto Alegre. Primeira exposição do CGTC a ser realizada no exterior, ela se tornou importante para um reconhecimento mais amplo da produção têxtil do país. O convite foi realizado devido a uma visita de integrantes do Centro ao Museu anos antes. O museu, interessado em receber as obras brasileiras, iniciou os trâmites da exposição, que foi realizada no fim de 1983.



Figura 7 – Fotografia da exposição *TapisserienausBrasilien – Künstlergruppe*<sup>12</sup>, 1984  
Fonte: Acervo TextilMuseum Max Berk

---

<sup>12</sup> Na fotografia da esquerda para direita: parte da obra de Carmen Lucia Denti, Ecila Corrêa D’avila, Izar Loforte e Elisabete Salvador Vanzelotti,



Figura 8 – Fotografia da exposição *TapisserienausBrasilien – Künstlergruppe*<sup>13</sup>, 1984  
Fonte: Acervo TextilMuseum Max Berk

No total, foram 20 obras escolhidas, com autoria de Carmem Lucia Denti, Clayton Bassane Senger, Ecila Corrêa Lobo D'avila, Eleonora Fabre, Elisabete Salvador Vanzalotti, Erica Turk, Fanny Meimes, Heloisa Crocco, Izar Loforte, Joana de Azevedo Moura, Liane Moya, Liciê Hunsche, Rachela Gleiser, Renata Rubim, Sonia Moeller, Sonia Ortiz Dip, Vera Beatriz Zattera, Zoravia Bettiol, Trama – Atelier de Arte (composta por Guimarães do Amaral, Ledy Anna de Oliveira Schmitt, Maria da Graça Schmitt, Ronete Magrisso, Silvia Maria Voegeli) e uma obra realizada em conjunto pelas artistas Maria da Graça Py Pinto Gomes, Maria Iara Soares Mascarello e Marlene Lipp João (CGTC, 1983a).

A partir das imagens do acervo do TextilMuseum, nota-se que havia artistas seguindo uma produção de obras mais bidimensionais e retangulares, modificando os materiais e os desenhos na superfície. Outras trabalhavam com mais volume e indícios de uma tridimensionalidade, muito influenciadas por trabalhos de Jacques Douchez e Norberto Nicola. A expografia alemã levou em consideração essas duas percepções da tapeçaria, como é visível nas fotografias da mostra. Na Figura 7, aparecem obras com mais volume e mistura de materiais. Na Figura 8, verifica-se que o padrão das obras expostas ainda era o bidimensional, mostrando o quanto os trabalhos das associadas eram diversificados.

---

<sup>13</sup> Na fotografia da esquerda para direita: obra de Rachela Gleiser, Fanny Meimes, Sonia Moeller e Liciê Hunsche.

Sobre as mostras específicas do CGTC, a última edição ocorreu em 1987; porém o Centro continuou por mais 13 anos. Questionando Heloísa Annes sobre o porquê desse fato, ela falou que muitas associadas começaram a trabalhar com outros suportes do setor artístico, e o CGTC já não estava 100% (ANNES, 2017a, informação verbal). Havendo uma abrangência para diversas questões do têxtil, que deveria trazer maior variedade para o grupo e atraindo artistas com produções e técnicas têxteis diferenciadas, ocorreu o contrário, o grupo se enfraqueceu. Isso é perceptível pela própria quantidade de material guardado na casa de Heloísa. Dos primeiros 10 anos, o volume de atas e correspondências é bem maior do que o de 1990 até 2000; na década de 1980, o volume de mostras foi bem maior se comparado à segunda década do Centro.

### 3 O FIM DA TRAMA: ÚLTIMOS ANOS DO CGTC

Almejando entender melhor o fim da trajetória, serão anunciados e analisados alguns problemas que as associadas, principalmente Heloísa Annes, comentaram nas entrevistas. A partir disso, pode-se entender o porquê, após 20 anos de duração, o Centro teve seu final. Ao longo da produção do trabalho, Heloísa Annes concedeu diversas entrevistas à autora e sempre foi comentando alguns pontos importantes para discutir o fim do CGTC.

Na primeira entrevista, realizada em 26 de abril, Heloísa, disse: “Porque o que acabou com o Centro foi: primeiro as tapeceiras faziam tapeçarias grandes de tear e chegou a uma certa altura que isso não era algo fácil de as pessoas terem” (ANNES, 2017a, informação verbal). Aqui, temos a primeira razão, o tamanho das obras. Poucas associadas possuíam grandes ateliês para a realização dos seus trabalhos.

Outra queixa das artistas, ligada à produção dos trabalhos, é a própria aquisição de materiais, pois “grandes lanifícios, indústria de linhas e sedas, exigem que as vendas sejam feitas a quem possua razão social”, o que pouquíssimas as artistas possuíam (RIBEIRO, 1980, p. 12). Também o alto custo dos pigmentos, “na maioria das vezes importados”, influenciava no custo das obras, principalmente, pois a maioria das artistas usavam pigmentos importados, pela sua qualidade superior e melhor estética (RIO..., 1981). Materiais custosos e de venda difícil, essa era a realidade das tapeceiras. Mesmo nos anos 1980, que houve um “considerável aquecimento” (CALDAS, 2014, p. 11) no mercado de artes, a venda de obras sempre foi (e é) um tema polêmico e, se somarmos isso ao preconceito que a tapeçaria sofria, o consumo desses trabalhos era mais difícil ainda.

Outro ponto que Heloísa Annes destacou foi a própria participação efetiva das associadas: “[...] em média, umas 26 associadas que pagavam mensalmente, mas quantas apareciam nas reuniões? [...] umas doze, quinze pessoas... [...]. Então, as coisas foram esmorecendo” (ANNES, 2017a, informação verbal). A própria impressão do boletim do CGTC era uma dificuldade, por isso não havia periodicidade em sua publicação. Heloísa Annes (2017a, informação verbal), que por muito tempo foi responsável pelo impresso, queixou-se: “para publicar [o boletim] era sempre difícil. Tu vai perceber nos boletins que eu ficava quase sempre pedindo por matérias [risos]”.

Heloísa também citou a falta de interesse das associadas quanto a cargos administrativos do CGTC. Na maioria das diretorias, as mesmas pessoas revezavam-se nos diversos cargos (secretária, tesoureira, presidente, vice-presidente). As associadas que mais ocuparam a função de presidente foram Eleonora Fabre e Heloísa Annes, ambas quatro vezes eleitas para o cargo. Heloísa foi diretora, por isso o acervo do Centro encontra-se em sua casa.

Quando questionada sobre por que as Mostras do Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea foram até 1987, já que o Centro continuou por 13 anos, Heloísa respondeu na entrevista de outubro:

Nessa época, muitas pessoas que só trabalhavam com o têxtil começaram a se interessar por outro tipo de arte. Nem todas, mas outras passaram para outras manifestações artísticas. [...] A Maria da Graça começou a trabalhar com vidro, a Heloísa Crocco, com madeira. Então, muitas associadas que eram importantes e ativas no centro partiram para outro setor artístico. [...] E foi nesse período que as pessoas foram se desligando (ANNES, 2017, informação verbal).

Essa mudança de “setor artístico” influenciou diretamente no fim do Centro, pois se as próprias associadas foram criando outros interesses, que não cabiam mais ao CGTC, realmente a sua razão de existir e unir as participantes diminuiu consideravelmente.

Em uma das últimas assembleias gerais do Centro, que ocorreu em 2000, foi decidido finalizar com a Associação do Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea, que facilitou transições e questões administrativas enquanto o Centro fez grandes exposições. Todavia, nessa reunião, as associadas decidiram finalizar com a Associação para, assim, “aliviar as tarefas burocráticas para colocar mais energia na atividade de produção artística” (CGTC..., 2000, p. 1), pois se tornou mais complicado lidar com esses dois eixos do Centro, produção artística e produção administrativa. Infelizmente, mesmo com essa decisão de manter-se o Centro, isso não ocorreu.

A Bienal Internacional de Lausanne, grande evento da área, que envolveu diversos artistas do mundo todo, tornando-se referência para inovações e criatividade têxtil, teve o seu fim em 1995 (mesma época que o CGTC). As Trienais brasileiras tiveram um fim mais precoce, em 1982. Em 1974 ocorreu a I Mostra de Tapeçaria no MAB – Faap, mas, diferentemente do que seu nome indica, nunca houve outras edições. Enfim, com os dados aqui apresentados, nota-se um enfraquecimento na arte têxtil, conseqüentemente, uma desmotivação para as associadas do CGTC. Porém, olhando o percurso do grupo, em parte contado neste artigo, acredita-se que esses vinte anos de atuação do Centro não foram em vão.

### **Conclusão**

Questionando Sonia Moeller sobre quando a tapeçaria começou a ser mais respeitada como um suporte artístico, ela falou que foi em torno de 1982, ou seja, apenas dois anos após a criação do CGTC, o que mostra que as ações do grupo tiveram um impacto nas artes (MOELLER, 2017a, informação verbal). O testemunho de Sonia pode ser confirmado pelas próprias cartas recebidas pelo Centro. Logo após a primeira exposição do CGTC, em 1981, tornou-se muito comum a diretoria receber cartas de outros tapeceiros e museus pedindo informações referentes ao Centro. Assim, há uma confirmação da importância do trabalho feito pelo grupo, que se tornou um dos pontos de referência para a produção e a visualidade da tapeçaria no Brasil.

Criado por mulheres que desejavam uma maior valorização de seu trabalho têxtil, o Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea surgiu com o objetivo do encontro, da legitimação e da popularização dessa arte. Organizadas desde o início, as associadas desenvolveram projetos com outras associações, principalmente o Centro de Tapeçaria Uruguaio e o Centro Argentino de Arte del Tapis, expuseram em diversas cidades do Brasil e do exterior e nas reuniões havia espaço para palestras, falas e debates sobre o tema, acrescentando conhecimento ao grupo. Mas o que se conhece desse grupo? O que ficou de suas ações?

Muito pouco, se considerarmos que a primeira pesquisa sobre o tema é o trabalho de conclusão realizado pela autora, que deu origem a este artigo. Ou seja, muito há de se pesquisar para manter viva a memória do CGCT e das mulheres que fizeram parte do grupo e compreender melhor qual o espaço a ser ocupado pela tapeçaria na história da arte gaúcha. Esse suporte artístico, pela década de 1960, com nomes como Yeddo Titze, Luiz Gonzaga e

Zoravia Bettiol, ganhou uma força inicial, que se estendeu aos anos 1980, tendo o CGCT como um grupo que manteve o interesse pela tapeçaria. Interesse que deve ser instigado e perpetuado por outros autores e pesquisadores, para mais se saber sobre a história da tapeçaria e da arte têxtil no Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ANNES, Heloísa. *Heloísa Annes*: entrevista [26 abr. 2017]. Entrevistadora: Carolina Bouvie Grippa. Porto Alegre, 2017a. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso A memória que se tece: o Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea.

\_\_\_\_\_. *Heloísa Annes*: entrevista [27 out. 2017]. Entrevistadora: Carolina Bouvie Grippa. Porto Alegre, 2017b. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso A memória que se tece: o Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea.

BOLETIM CGTC. Porto Alegre: Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea, n. 2, set. 1984a.

BOLETIM CGTC. Porto Alegre: Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea, n. 3, out. 1984b.

BOLETIM CGTC. Porto Alegre: Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea, n. 4, dez. 1984c.

BOLETIM CGTC. Porto Alegre: Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea, n. 13, jul/dez. 1986

BULHÕES, Maria Amélia (Org.). *As novas regras do jogo: o sistema de arte no Brasil*. Porto Alegre: Zouk, 2014.

CALDAS, Felipe Bernardes. *Galeria Arte&Fato: 30 anos*. Porto Alegre: Edição Gastal & Gastal, 2014.

CENTRO GAÚCHO DE TAPEÇARIA CONTEMPORÂNEA – CGTC. *2ª Mostra do Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea*: catálogo. Porto Alegre, 1983a.

\_\_\_\_\_. *3ª Mostra do Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea*: catálogo. Porto Alegre, 1985a.

\_\_\_\_\_. *4ª Mostra do Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea*: catálogo. Porto Alegre, 1987.

\_\_\_\_\_. *Ata da reunião realizada em 25 de agosto de 1980*. Porto Alegre, 1980.

\_\_\_\_\_. *Ata da reunião realizada em 13 de julho de 1981*. Porto Alegre, 1981a.

- \_\_\_\_\_. *Ata da reunião realizada em 9 de novembro de 1981*. Porto Alegre, 1981b.
- \_\_\_\_\_. *Ata da reunião realizada em 7 de dezembro de 1981*. Porto Alegre, 1981c.
- \_\_\_\_\_. *Ata da reunião realizada em 16 de março de 1982*. Porto Alegre, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Exposição Nacional de Arte Têxtil: catálogo*. Porto Alegre, 1985b.
- \_\_\_\_\_. *Plano de Ação do Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea*. Porto Alegre, 1983b. 5 f.
- CGTC – 20 anos. *Boletim CGTC*, Porto Alegre, n. 28, ano XVI, out. 2000.
- DENTI, Carmen Lucia. [Carta] 2 jul. 1984, Porto Alegre [para] Ricardo Machado, Porto Alegre. 1p.
- EARNSHAW, Pat. *A dictionary of lace*. London: Shire Publications, 1984.
- EM FASE de organização. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, ano XLV, n. 20, p. 33, 1980.
- EVENTO Têxtil selecionou 24 artistas para a mostra no MARGS. *O Estado*, Porto Alegre, p. 33, 11 mar. 1985.
- MOELLER, Sonia. *Sonia Moeller: entrevista* [18 ago. 2017]. Entrevistadora: Carolina Bouvié Grippa. Porto Alegre, 2017a. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso A memória que se tece: o Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea.
- \_\_\_\_\_. *Sonia Moeller: entrevista* [8 nov. 2017]. Entrevistadora: Carolina Bouvié Grippa. Porto Alegre, 2017b. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso A memória que se tece: o Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea.
- MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI. [Ofício] 4 ago. 1987, Porto Alegre [para] Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea. 1p.
- O QUE É o CGTC? *Boletim do CGTC*, Porto Alegre, n. 1, ago. 1984.
- PLESCHT, Inês. Crianças aprendem a tecer brincando. *Zero Hora*, Porto Alegre, 10 abr. 1985. Segundo Caderno, p. 12.
- RIO Grande do Sul reúne tapeceiras num Centro. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 6, 18 jan. 1981.
- SCARINCI, Carlos. Apresentação. In: 1ª MOSTRA do Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea. Porto Alegre, 1981.
- TIMM, Liana. [Carta] 15 jun. 1983, Porto Alegre [para] Ronete Langer Magrisso, Porto Alegre. 1p.

UMA VISÃO sobre a arte têxtil brasileira hoje. [S.l.: s.n.], 1995-1996.

ZIELINSKY, Mônica. *Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea: Surgimento, realizações e perspectivas*. Porto Alegre, [1982a].

## LEITURAS COMPLEMENTARES

BOLETIM CGTC. Porto Alegre: Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea, n. 11, jan./fev. 1986.

CENTRO GAÚCHO DA TAPEÇARIA CONTEMPORÂNEA – CGTC. *1ª Mostra do Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea*. Porto Alegre, 1981.

\_\_\_\_\_. *Evento Têxtil 89: catálogo*. [Porto Alegre], 1989.

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI. *Fórum Têxtil: catálogo*. Porto Alegre, 1994.

RUTHSCHILLING, Evelise. Apresentação. In: UMA VISÃO sobre a arte têxtil brasileira hoje. [S.l.: s.n.], 1995-1996.

ZIELINSKY, Mônica. *Arte da Tapeçaria se ensina?*, Porto Alegre, [1982b].

\_\_\_\_\_. *Mini-Têxteis: Reduções das obras ou a aurora de novos rumos para a arte da tapeçaria?*. Porto Alegre, [1982c].

\_\_\_\_\_. Evento Têxtil/85: um espaço para reflexão, 1985. *Boletim Informativo MARGS*, Porto Alegre, n. 25, p. 11-14, jul./ago./set., 1985.

\_\_\_\_\_. Artêxtil no Brasil: uma publicação em debate, 1986. *Boletim Informativo MARGS*, Porto Alegre, n. 27, p. 13-15, jan./fev./mar., 1985.